Sete Mitos sobre o Vietnã

Mito #1
Os EUA foram derrotados militarmente no Sudeste na Ásia

Resposta: Esta, uma das mais persistentes e acreditadas falsidades, pode ser refutada por provas contundentes e por autoridades insuspeitas. Virtualmente todos os peritos militares concordam em que os EUA nunca foram derrotados militarmente no Vietnã; "perdemos" a Guerra por causa de decisões políticas desatinadas, que deixavam de mãos amarradas as nossas forças em luta e *impediram-nas* de vencer. O General Curtis LeMay, um pioneiro no uso dos bombardeios estratégicos durante a II Guerra Mundial e comandante da USAF de 1961 até sua passagem para a reserva, em 1965, disse, em 1968: *"A única razão pela qual os soldados americanos estão sangrando e morrendo no Vietnã, presentemente, é porque nossos líderes estão amarrando as mãos deles, os soldados, às costas. A única razão pela qual não obtivemos uma vitória no Vietnã é porque nossos líderes têm feito de tudo para evitá-la"*[3].

O Gen. LeMay continuou:

> *Esta última interrupção dos bombardeios foi o acontecimento mais triste de minha vida. Não vejo qualquer diferença entre esse e as interrupções anteriores. Os comunistas os usam para reabastecerem-se e preparar-se para aumentar a atividade. Cada vez que nossos soldados atingem-nos eficazmente, os políticos dão-lhes uma chance de se recuperarem. Isso resulta, apenas, em mais baixas entre nossas tropas*[4].

O General Paul D. Harkins, Comandante Geral das forças americanas no Vietnã, declarou: *"Em uma Guerra, quanto mais depressa você se move e quanto mais rápido acaba a luta, menos baixas haverá. Esta Guerra poderia ser ganha em menos de três meses, mas não da maneira que esta sendo travada agora"*[5].

O General Raymond G. Davis, condecorado com a Medalha de Honra na Guerra da Coréia e comandante da 3ª Divisão de Fuzileiros Navais no Vietnam, um discípulo do lendário General dos Fuzileiros Lewis "Chesty" Puller[*], dizia: *"Mantenho, sempre, a lembrança do que dizia Puller da guerra, que era a dedicação total a perseguir o inimigo, achá-lo e destruí-lo"*, dizia o General Davis da experiência dele no Vietnã. *"Ele nunca pensava em tentar proteger uma área ou algum ponto específico, em desalojar pessoas ou em ganhar corações e mentes. Tudo isso era secundário. Acredito piamente que, se tivéssemos aplicado aquela premissa no Vietnã, a Guerra teria terminado rapidamente. Ao invés disso, acabamos em um desastre total"*[6].

> *"Quem quer que acredite que nossos homens em luta tenha sido derrotados no Vietnã está errado; eles foram derrotados em casa,"* diz W. T. Grant, autor de *Wings of the Eagle.* Grant, um daqueles pilotos de helicóptero, que regularmente voavam para as garras da morte (na 17ª Companhia de Helicópteros de Assalto), recorda amargamente que *"estávamos lutando com nossas mãos amarradas às costas"*[7].

Da mesma forma, o Coronel Jack Broughton, um dos pilotos de caças F-105 que voaram em muitas e perigosas missões sobre o Vietnã do Norte, declarou:

> *"Nunca na história dos conflitos humanos tantos atrapalharam, limitaram, descontrolaram tão poucos como na campanha contra o Vietnã do Norte. Nunca, na experiência americana, foram as lições da guerra aérea e da guerra em si tão solenemente ignoradas. E nunca, antes, uma campanha aérea havia sido controlada em detalhe de um ponto milhares de milhas distante"*[8].

Os pontos de vista acima expostos teriam sido expressados por uns poucos e mal-ajambrados dissidentes? Eles exprimem o que era uma opinião quase unânime das melhores cabeças militares americanas e dos oficiais mais experientes. Entre as muitas provas que podemos oferecer do que dizemos, citamos o número de março de 1968 de *Science & Mechanics.* Aquele exemplar apresentava um artigo muito importante do editor Lloyd Mallan, baseado em suas muitas entrevistas com uma seleção dos mais graduados líderes militares. Abaixo, vão as conclusões daqueles líderes:

---

[3] General Curtis LeMay, as quoted in "Worth Repeating," THE NEW AMERICAN, May 29, 1995, p. 34.
[4] Ibid., p. 34.
[5] Ibid., p. 35.
[6] Major General Raymond G. Davis, with Colonel William J. Davis, The Story of Ray Davis, General of Marines (Fuquay Varina, North Carolina: Research Triangle Publishing, 1995), p. 190.
[7] W.T. Grant, Wings of the Eagle: A Kingsmen's Story (New York: Ballantine Publishing, 1994), pp. 1, 24.
[8] Colonel Jack Broughton, Thud Ridge (New York: Dell Publishing, 1969), pp. xi-xii.

> A Guerra contra o Vietnã do Norte pode ser ganha em seis semanas. As guerrilhas vietcongues remanescentes ao Sul, podem ser derrotadas em seis meses. [A guerra] pode-se prolongar por mais cinco, dez ou mais anos – se continuarmos a lutá-la do jeito que estamos fazendo... estamos guerreando de uma maneira de irmãzinha fraca, que é sem precedentes na história da ciência militar[9].

Quem eram aqueles líderes militares que protestavam *unanimemente* contra o modo com que nossos homens eram empurrados e desnecessariamente sacrificados em uma Guerra que poderia ser vencida, convencionalmente, em seis semanas? Eram eles: General Nathan F. Twining, antigo Chefe do Estado Maior Conjunto; Almirante Arleigh A. Burke, antigo Chefe de Operações Navais; General George H. Decker, antigo Chefe do Estado Maior do Exército; General Frederick H. Smith Jr., antigo Vice-Chefe do Estado Maior da Força Aérea; General Thomas S. Powerantigo Comandante-em-Chefe do Comando Aéreo Estratégico; General de Brigada Ira C. Eaker, antigo Vice-Chefe do Estado Maior da Força Aérea; e o General de Brigada Arthur G. Trudeau, antigo Chefe de Pesquisa e Desenvolvimento do Exército[10]. Esta unanimidade de homens desta estatura e experiência não é questão de "política": é quase uma certeza militar. A guerra poderia ter sido ganha e em seis semanas. Não o foi, porque o Comandante-em-Chefe, o Presidente Lyndon Johnson e seus assessores (McNamara, Rusk, Bundy, Rostow, Ball, Harriman, etc.) não poderiam *permitir* aos militares vencê-la.

Não se trata, apenas de opinião dos líderes militares de que a vitória era possível. Eles o provaram muitas vezes, por suas ações em que erradicaram as forças comunistas.

Quando momentaneamente liberado das restrições impostas a seus Marines pelo Secretário de Defesa de Lyndon B. Johnson, Robert McNamara, as tropas do General Ray Davis mostraram serviço. Davis estava especialmente aborrecido pelo fato de que o Exército Norte-Vietnamita possuia 162 canhões capazes de bombardear seus homens, sempre que o inimigo o decidisse e que não lhe era permitido reagir. Logo após ter sido liberado, sua artilharia destruiu todos os canhões inimigos, capturaram 3.500 de seus foguetes, e destruíram as divisões de exército correspondentes[11]. Disse Davis: *"Uma vez destruídas essas divisões e que tenhamos conquistado todas as suas bases, estávamos capacitados a destruir os Regimentos Principais do Vietcong que eram apoiados pelo NVA (Exército Norte-Vietnamita). Estaríamos, então, habilitados a entrar nas vilas e erradicar o Vietcong. Ao fim, teríamos uma pacificação total. Guerrilhas somente podem sustentar-se quando são apoiadas por forças regulares. O único jeito de lidar com as guerrilhas é destruir as forças regulares e suas bases de apoio*"[12].

Uma das coisas com que os Fuzileiros do General Davis tiveram de lidar, foi com a "imagem dos soldados regulares do Vietnã do Norte e dos Vietcongs, que a mídia apresentava como guerreiros notáveis, invencíveis soldados de selva, que podiam deslizar silenciosamente através da selva, usando apenas pijamas pretos e sandálias de borracha de pneu"[13].

"Na Província de Quang Tri fizemos esse "gigante" encolher de 3,5m de altura para um homem mediano", conta Davis. *"Ele apenas não existia, quando terminamos nosso trabalho com ele. Novamente, pois logo aprendemos a aplicar nossa maior mobilidade, flexibilidade e poder de fogo, o gigante não tinha como defender-se, mesmo esforçando-se ao máximo e estando determinado ao máximo, como ele realmente estava. Onde quer que fosse, ele se deparava com Fuzileiros no cume dos morros, perseguindo suas forças, que logo ficaram desbaratadas e sem contato umas com as outras. Ele não podia fazer uso de sua artilharia porque não sabia onde se encontravam suas tropas e assim por diante, incapaz de operar, não contra forças numericamente superiores, mas superiormente equipadas, com doutrina militar superior, com mais mobilidade e mais poder de fogo[14].*

Uma lição a ser aprendida do inimigo, em um sentido positivo, é que é certo que ele tinha uma grande capacidade de sobreviver, de cavar, de suportar grandes dificuldades. Nosso povo, entretanto, pode fazer essas mesmas coisas e até melhor, se ele for obrigado a tanto".

O General Davis insiste que *"é importante mostrar o fato de que nossa derrota no Vietnã foi política, não militar, pois, até onde eu sei, meus Fuzileiros, em Quang Tri provaram a mim e quem quer que fosse dar uma olhada que nós poderíamos, com facilidade, destruir as forças inimigas, que não tinha qualquer condição de enfrentar-nos. A luta era quase unilateral e nós estávamos por cima"*[15]. Outras unidades do Exército, da Marinha, e da Força Aérea experimentaram idêntico sucesso, quando liberadas das incríveis e imorais *"regras de engajamento em combate"*, que foram impostas às nossas forças em luta.

Um dos exemplos mais extraordinários de desinformação é relativo à *Ofensiva do Tet*[**], de Janeiro de 1968. Os comunistas foram inapelavelmente batidos naquela operação. A imprensa, contudo, transformou a derrota em uma vitória para o outro lado. Os próprios comunistas o reconhecem. Tomemos como exemplo o que disse o antigo ministro da justiça Vietcong, Truong Nhu Tang. De acordo com Tang:

---

9 Lloyd Mallan, "Military Experts Tell: How we can win in Vietnam in six weeks without nuclear weapons – and why we're not doing it!," Science & Mechanics, March 1968, p. 40.
10 Ibid., p. 38.
11 Davis, pp. 196-197.
12 Ibid., p. 197.
13 Ibid., p. 217.
14 Ibid., p. 217.
15 Ibid., p. 218.

> *"O Tet provou-se catastrófico para nossos planos. Custou-nos metade de nossas forças. Nossa propaganda transformou a débâcle militar em uma brilhante vitória"*[16].

"O Tet foi uma enorme derrota para os comunistas", faz coro o Coronel Bill Davis, autor de *TET Marine*, cujo batalhão de Fuzileiros guardava a base aérea de Da Nang. *"Sabíamos que eles estavam vindo, pois nossas patrulhas não haviam encontrado nenhuma armadilha antipessoal nas 48 horas antecedentes"*, contou ele ao THE NEW AMERICAN. *"Estávamos, portanto, na espera e lhes demos uma 'escovada'. Éramos os defensores e eles vinham em ondas para serem mortos. Foi a primeira vez em que eles vieram lutar no espaço aberto. Era muito melhor para nós do que perseguí-los na selva. Foi, para eles, uma perda devastadora de homens, mas o fato de eles terem lançado um ataque simultâneo em 68 cidades, impressionou o âncora da CBS, Walter Cronkite. Ele e o resto da mídia declararam que o Tet havia sido uma derrota esmagadora nossa. O relato foi aterrorizante"*[17].

Houve alguns na grande mídia que reconheceram quão sombria e errada fora a reportagem e desejaram fazer algo para corrigí-la. Em um artigo *TV Guide* de 6 outubro de 1973, Edward Jay Epstein escreveu:

> "Em fins de 1968, Jack Fern, um produtor de campo da NBC, sugeriu a Robert J. Northshield uma série em 3 episódios, mostrando que o TET havia sido, de fato, uma decisiva vitória militar para os EUA e que a mídia havia exagerado a visão de que fora uma grande derrota para o Vietnã do Sul. Após algumas considerações, a idéia foi rejeitada porque Northshield disse mais tarde que o Tet já havia se 'estabelecido como derrota na cabeça do público e, por isso *foi uma derrota americana"*[18].

Disponível em <http://www.midiasemmascara.org/artigo.php?sid=3231>.

---

[16] New York Review of Books article, as quoted in AIM Report (Accuracy In Media), April-B, 1983, p. 4.
[17] Colonel William J. Davis, interview with William F. Jasper.
[18] TV Guide of October 6, 1973, as quoted in AIM Report, November A, 1973.